

IL DESERTO DEI TARTARI / 1976

(O Deserto dos Tártaros)

um filme de Valerio Zurlini

Realização: Valerio Zurlini / **Argumento:** André Brunelin e Jean-Louis Bertucelli, baseado no romance de Dino Buzzati / **Direcção de Fotografia:** Luciano Tovoli / **Música:** Ennio Morricone / **Montagem:** Raimondo Crocianai / **Interpretação:** Jacques Perrin (Drogo), Vittorio Gassman (Filimore), Giuliano Gemma (Mattis), Helmut Griem (Simeon), Philippe Noiret (general), Francisco Rabal (Tronk), Fernando Rey (Nathanson), Laurent Terzieff (Amerling), Jean-Louis Trintignant (o médico), Max von Sydow (Hortiz), etc.

Produção: Reggane Films - Fildebroc - FIDCI / **Produtores:** Jacques Perrin e Michèle de Broca / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 144 minutos / **Estreia em Portugal:** Apolo 70, a 12 de Setembro de 1978.

Apesar de alguma condescendência (afinal Zurlini fora o realizador de **Estate Violenta, La Ragazza con la Valigia e Cronaca Familiare**) a crítica da época não foi muito favorável a **Il Deserto dei Tartari**. Genericamente, censurava-se a Zurlini o ter-se de alguma forma “perdido” nas teias das grandes co-produções europeias (o filme foi feito com capitais italianos, franceses, espanhóis e iranianos) sem que a sua “mise-en-scène” tivesse o poder suficiente para se impor às contingências inerentes a uma máquina de produção com estas dimensões. E criticava-se o argumento, extraído de um romance de Dino Buzzati, considerado como uma má adaptação de um livro dificilmente adaptável. Como se escrevia numa nota da “Positif” (assinada por Michel Sineux), Zurlini teria sido traído por um argumento que “em vez de recorrer à elipse e à alusão investia incansavelmente na explicitação” quando, segundo essa mesma nota, filmar **Il Deserto dei Tartari** seria filmar “a espera, o vazio e o não-representável”. E exemplificava-se com uma das diferenças entre o romance e o filme: a “materialização visível” dos Tártaros num dos últimos planos, quando no original de Buzzati o final consistia precisamente na “renúncia à elucidação do mistério”.

É evidente que **Il Deserto dei Tartari** não é o mais perfeito filme de Zurlini, em boa parte pelas razões apontadas por Sineux - em especial as questões relacionadas com a máquina de produção (e os “problemas de argumento” estão, por certo, relacionados com ela), talvez demasiado esmagadora para um cineasta habituado, justamente, a registos de carácter mais “intimista”. Mas dizer que este “não é o mais perfeito filme de Zurlini” não equivale, necessariamente, a dizer que é um filme mau ou pelo qual se possa passar incólume. Bem pelo contrário.

É curioso que se tenha falado do “peso” das contingências de produção a propósito deste filme, um filme que no seu centro tem, de alguma forma, uma certa ideia de

“peso”: peso de um “décor”, neste caso. Tudo se passa na recôndita fortaleza de Bastiano, último reduto do Império (nunca se explicita qual, nem isso é verdadeiramente importante) situado na fronteira com o “deserto dos Tártaros”. A ela vai chegar, para a sua primeira comissão de serviço, um jovem tenente (Jacques Perrin) acabado de sair da escola militar. Logo a partir das primeiras imagens se percebe que o “décor”, árido, imenso e pesado, é uma das personagens centrais. E, sobretudo, que a relação desse espaço esmagador e infinito com o “huis dos” da fortaleza tem resultados confluentes: no filme o “huis clos” é o mesmo de uma maneira ou de outra, aparecendo o espaço da fortaleza com uma espécie de condensação do enorme vazio que a rodeia. No filme tudo isto se sente e tudo isto tem “peso”, um peso que nunca é apenas mais-valia dramática mas que se insinua por toda a trama narrativa de modo absolutamente determinante.

Como o Zurlini mais conhecido, **Il Deserto dei Tartari** é a história de um trajecto interior, se não de uma tomada de consciência pelo menos de uma perda de inocência. Jacques Perrin, na pele da personagem central, o jovem tenente Drogo, tem, nesse sentido, evidentes laços de parentesco com outras personagens de Zurlini, a começar pelas desempenhadas pelo próprio Perrin em filmes como **La Ragazza con la Valigia** ou **Cronaca Familiare**. Mas, talvez como nunca antes na obra de Zurlini, essa transformação tem também reflexos exteriores, isto é, físicos: não é apenas a doença final da personagem, é o modo magnífico como o próprio Perrin vai cerrando progressivamente a sua fisionomia, passando da bonomia inicial à dureza de quem absorveu todas as marcas do seu trajecto.

Trajecto esse que assenta, principalmente, na crescente evidência da “ausência de sentido” de tudo aquilo. Ponto culminante: a descoberta das “luzes” provenientes do acampamento do exército tártaro, ostensivamente ignorada (pelas mais diversas razões) por todos os oficiais de uma fortaleza à partida destinada a vigiar nem mais nem menos do que as movimentações dos ditos tártaros. Ausência de sentido que se percebe cedo assim como às variadas formas encontradas pelos oficiais para se agarrarem a alguma coisa - e é nesse sentido que funciona, por exemplo, o zeloso e desumano rigor da personagem de Giuliano Gemma - mas que só nesse final vemos em toda a sua dimensão. Se a fortaleza tem algo de um “microcosmos” social é porque o olhar de Zurlini não foca (apenas) a instituição militar. Para o suave “nihilismo” de Zurlini, é toda a organização da sociedade que está em causa.

Luís Miguel Oliveira